

PENSAMENTO LATINO-AMERICANO: O CONCEITO DE AMÉRICA LATINA, A NOÇÃO DE “ESTAR” E A AUTENTICIDADE DESSA FILOSOFIA*

Leandro Haerter
Márcia Helena Sauaia Guimarães Rostas
Maria Regina Rosa Lima

*“América Latina es un concepto cultural,
no un concepto geográfico”*
Hans-Jürgen Prien

Introdução

A América Latina é um vasto território que compreende uma pluralidade cultural, lingüística e étnica igualmente vasta. O seu povo, que é indígena, que é afro, que é mestiço, que é europeu, não apresenta uma identidade única, mas tem sido representado e definido pelo conceito mais amplo de “latino-americano”.

Paralelamente a isso, enquanto latino-americanos, somos educados e temos acesso a uma filosofia ocidental, “universal” e eurocêntrica, que muito pouco diz sobre nossa realidade concreta, significados, cosmologias, vivências e, paradoxalmente, não reconhece nossas ideias, pensamentos e filosofias como válidas e possíveis.

Nessa perspectiva, a partir de referenciais teóricos específicos que debatem a realidade da América Latina a partir dela mesma, o artigo que segue busca discutir, brevemente, alguns elementos importantes ao estudo do pensamento latino-americano, como o conceito de América Latina, a noção de “estar” e a questão da autenticidade desse pensamento, carregado de significados.

Pensamento latino-americano: o conceito de América Latina, o “estar” e a autenticidade

A América Latina existe e é uma realidade, do ponto de vista concreto e de todo um conjunto de pensamentos, ideias e por que não dizer, filosofias!

América Latina é um conceito, um conceito que anuncia e ao mesmo tempo designa uma série de elementos e características que acabam por representar o conjunto de homens e mulheres que nela habitam, de uma maneira bastante ampla e como se não houvesse diversidade entre os povos latino-americanos.

Refletir sobre o conceito de América Latina ou sobre algum outro que o substitua, não é tarefa fácil. Não é fácil, porque o conceito “América Latina” está impregnado de uma visão de dependência em relação à América do Norte e à Europa e não dá conta de representar toda a diversidade que anuncia, na medida em que o conceito não contempla os milhares de povos indígenas que nele existiram e aqueles que ainda resistem e, tampouco, significa os africanos que chegaram compulsoriamente para trabalhar nos mais diferentes contextos e seus descendentes.

[...] el concepto de "América Latina" adolece de una unilateralidad fatal, ya que en modo alguno tiene en cuenta los elementos culturales indios y africanos y eterniza – conceptualmente al menos – el estado de dependencia cultural del hemisferio meridional de América con respecto a Europa [...]¹ (PRIEN, 1985, p. 17).

Conforme coloca Hans-Jürgen Prien (1985), em seu estudo sobre a história da igreja e do cristianismo na América Latina, houve algumas vozes nativas que se manifestaram contrárias a esse conceito de América Latina², pois consideravam que ele não dava conta e não contemplava sua grande diversidade cultural. Segundo o autor, entre os conceitos propostos, somente o de "Indoamérica", formulado por Haya de La Torre, apresentava um compromisso político claro no que se refere a contemplar o elemento indígena em sua abrangência. Para este político peruano, os indígenas camponeses constituíam uma categoria humana despossuída da condição de americanos em seu sentido mais amplo, e por essa razão necessitavam ser libertos urgentemente. Contudo, essa ideia não fora amplamente compreendida em países nos quais os indígenas possuíam pouca representação, o que sugere que a substituição do conceito de "América Latina" pelo de "Indoamérica" não seria uma opção viável.

Dessa forma, Prien (1985), ao partir da ideia de que para se compreender a história da igreja na América é necessário compreender a história em seu conjunto, indica que o desafio do encontro de um conceito outro para "América Latina" permanece. Ambas as tentativas de discussão nesse sentido tinham como ponto comum a ênfase na presença indígena, mas falharam por, de certa forma, apostarem em uma certa "identidade" na composição dos povos e culturas, complexificando ainda mais o debate. Mas o fato é que existe uma "América Latina" que é indígena, que é afro³, que é ibérica, etc. e o desafio de encontrar/construir um conceito a partir da escuta dos diferentes povos e que seja capaz de valorizar sua diversidade, continua.

Beorlegui (2004), ao se ocupar com a questão da identidade e autenticidade do pensamento filosófico latino-americano, admite a falta de clareza daquilo que poderia vir a ser considerada uma "identidade" para os distintos povos latino-americanos, à medida que "[...] lo latinoamericano es una mezcla de culturas aborígenes, restos de las que existían antes de la llegada de españoles y portugueses, y la mestiza predominante, resultado de la mezcla de conquistadores y conquistados [...]"⁴ (BEORLEGUI, 2004, p. 43), não compondo uma unidade étnica, lingüística e cultural propriamente dita, muito menos uma totalidade.

Nessa perspectiva, os povos latino-americanos são plurais e encontram-se em movimento. Não apresentam unidade em termos lingüísticos, a não ser que assumamos como verdadeira a falácia de que o espanhol e o português são as duas únicas línguas faladas na América Latina. Certamente, entre os povos latino-americanos existe uma série de problemas comuns que, em certa medida, nos permite pensar em algumas semelhanças, ressaltando as especificidades entre os diferentes países, desde o surgimento dos Estados e sua relação de dependência com a metrópole; a emancipação enquanto colônia dada no século XIX, as lutas por libertação e problemas outros. Soma-se a isso, o fato de o povo latino-americano ter se integrado de formas distintas nos diferentes países, seja na condição de indígenas, ou de negros, ou de mestiços, ou de europeus. Então, justamente por não existir uma unidade/identidade entre os povos da América Latina, o encontro de um conceito outro que "dê conta" de sua pluralidade cultural, lingüística, religiosa, etc. é tarefa bastante complexa e difícil.

Rodolfo Kusch, pensador argentino, é outro importante pesquisador que vai ao encontro do homem latino-americano, isto é, do indígena pré-colombiano e do mestiço na

relação com o colonizador. Utilizando-se de leituras de autores como Imbelloni, Arguedas e Valcárcel, associado a viagens e pesquisas nas zonas quechua e aimará, buscou compreender o vivido, a religião pré-colombiana, a definição do homem americano em sua dimensão humana, social e ética. Sua metodologia contemplava a escuta, a escuta da palavra do outro carregada de sentido na coletividade, ouvindo e dialogando com as pessoas em seu cotidiano, à medida que se integrava com as pessoas, comendo com elas, participando de suas festas, encontrando um pensar presente nas ruas das cidades e um forte sentido na sabedoria nativa, no simples "estar", no viver.

América Profunda (Kusch, 1999) pergunta sobre os fundamentos da filosofia tomando a filosofia da cultura como lugar de problematização, criticando a pragmática e a racionalidade excessiva da filosofia ocidental e acadêmica, através do uso da metáfora do "sonámbulo", que é um ser de fora, um ser que não busca os significados, pois já acredita tê-los captado, não olha para os problemas concretos de nossa história na medida em que perdeu a familiaridade com o mundo. O "sonámbulo" é justamente o ser da filosofia ocidental, européia, é aquele que "é" ou aquele que "não é" alguma coisa, é aquele que não tem espaço para o "estar", para as cosmologias e que relega as formas concretas de viver e existir. Há então uma reinterpretação feita pelo autor, em direção à filosofia do estar, onde "estar" faz sentido na vivência com as pessoas, no compartilhar.

Kusch (1999) leva em consideração o elemento político presente nas culturas, questão que dá sentido à sua antropologia filosófica. Sentido, aqui, compreendido como categoria útil para refletirmos sobre um conjunto de pensamentos, ideias e filosofias latino-americanas, concebidas por seus povos originários de maneira a não separar o homem de sua referência cósmica, nem dos outros homens em contraposição a uma cultura ocidental desvinculada do solo e do sagrado. Utiliza da categoria "hedor de América" como provocação aqueles que percebem as origens latino-americanas como negativas, categoria que se opõe à "pulcritud" fictícia dos homens e mulheres urbanos e não latino-americanos. Metaforicamente falando, aquele que fede é o povo que se encontra à margem do processo, cuja religião, vestimentas, costumes diversos "sujam" as ruas e causam desconforto à população branca, européia ou descendente.

Porque es cierto que las calles hieden, que hiede el mendigo y la india vieja, que nos habla sin que entendamos nada, como es cierta, también, nuestra extrema pulcritud. Y no hay otra diferencia, ni tampoco queremos verla, porque la verdad es que tenemos miedo, el miedo de no saber como llamar todo eso que nos acosa y que está afuera y que nos hace sentir indefensos y atrapados [...] diríamos que el hedor entra como categoría en todos nuestros juicios sobre América, de tal modo que siempre vemos a América con un rostro sucio que debe ser lavado para afirmar nuestra convicción y nuestra seguridad [...] ⁵ (KUSCH, 1999, p. 24-25).

Kusch (1999), assim entendemos, encara o desafio de conhecer realidades que não se encontram presentes na academia, trazendo elementos à margem daquilo que podemos chamar de "história oficial". Seu movimento filosófico valoriza a vida, os relatos dos povos andinos que "estão sendo" em suas cosmologias e comunidades, a relação entre o sagrado e o profano, percebendo que enquanto os ocidentais se relacionam com a ciência os povos andinos se relacionam com a magia, a escuta em comunidade, a possibilidade de estar vivendo.

Por outro lado, o mundo passa a ser organizado através de determinado padrão de cultura, de ordem, de limpeza, categorias que dão uma certa estabilidade a sociedades

organizadas a partir da noção de progresso, como se essas categorias pudessem ser totais e universalmente válidas, fazendo do "outro", algo de menor valor, que pode ser descartado, contexto que faz emergir inúmeros relatos sobre extermínio, genocídio e as mais diferentes discriminações com relação ao povo latino-americano. Nesse sentido, acredito ser reveladora a citação de Prien, quando relata que

[...] muchos pueblos de la región amazónica del Brasil, así como los Kampa del Perú, los Shuar o Jívaros del Ecuador y los Cuiva de Colombia (por no mencionar sino algunos ejemplos) ven amenazada su existencia. Al igual que en 1870 el ganadero Pedro del Carmen Gutiérrez degolló a doscientos cincuenta Cuivas a quienes había invitado a comer, todavía en diciembre de 1967 fueron asesinados por colonos blancos dieciséis Cuivas, tras haber sido también invitados a comer. Los siete colonos colombianos asesinaron a sangre fría a hombres, mujeres y niños y despedazaron sus cadáveres alegando supuesto robo de ganado y daños a las plantaciones. Y aún fueron absueltos por el juez de primera instancia, pues afirmaban que desconocían que "matar indios fuera un delito"⁶ (PRIEN, 1985, p. 29-30).

Com isso, vemos que os indígenas latino-americanos não eram tratados como humanos, sua condição de humanidade era questionada, e a questão dos direitos humanos no que se refere à realidade concreta desses povos, tem deixado a desejar não apenas durante o período de colonização da América Latina, mas também até os dias atuais. Numa perspectiva ocidental, os indígenas americanos representavam o caos, a desordem, sua teologia era impura e selvagem.

E é no momento em que esse "outro" é tratado dessa forma, como "sujo", como "algo" a ser exterminado, que a sociedade se homogeniza, se "purifica", de modo que podemos melhor compreender uma das metáforas presentes em América Profunda (Kusch, 1999) quando nos diz que o sujeito mestiço, o latino-americano, representa o conceito de sujeira e de fedor, e por esta razão deve ser eliminado a favor da formação de um povo mais homogêneo e próximo do europeu. Neste sentido, acreditamos que Kusch tenha deixado a todos nós o desafio de buscar alternativas para a superação dessa visão estereotipada do latino-americano.

Uma outra metáfora interessante utilizada por Kusch é a da "fagocitación", onde retoma a ideia do fedor e dos estereótipos negativos atribuídos à América Latina. A fagocitose é um conceito da biologia e diz respeito à ação do sistema imunológico quando um corpo estranho penetra em determinado organismo, onde os leucócitos têm o papel fundamental de englobar (fagocitar) o corpo estranho até seu extermínio. Assim, sua metáfora da "fagocitación" nos mostra que a pretensa verdade universal ocidental, eurocêntrica, constrói e reforça uma história oficial acerca da América Latina e daquilo que é latino-americano de forma negativa, incompleta e repleta de interrogações.

La fagocitación se da por el hecho mismo de haber calificado como hedientas a las cosas de América. Y eso se debe a una especie de verdad universal que expresa que todo lo que se da en estado puro es falso y debe ser contaminado por su opuesto. Es la razón por la cual la vida termina en muerte, lo blanco en lo negro y el día en la noche. Y eso ya es sabiduría y, más aún, sabiduría de América⁷ (KUSH, 1999, p. 29).

A história oficial, eurocêntrica, escamoteia todo um conjunto de saberes e história desses povos latino-americanos, representando-os como atrasados, a-históricos, sem civilização⁸. Mas é preciso reconhecer que na América Latina, desde muito, já havia povos nativos vivendo, elaborando cultura, trocando conhecimentos e experiências em suas milhares línguas. Segundo o trabalho de Prien (1985) existem provas de assentamentos humanos na América Central, nos Andes, na Patagônia e no Brasil que remontam há 10 mil anos, ao passo que na Venezuela existem provas arqueológicas que indicam a presença humana há aproximadamente 15 mil anos e na América do Norte, há 30 mil anos. Conforme o autor, esses povos ameríndios constituíam uma composição étnica mestiça, se articulando

[...] en unas 370 grandes tribus y etnias y en unas 125 familias lingüísticas con 600 idiomas por lo menos. Hay lingüistas que calculan que en 1492 se hablaban de dos mil a dos mil doscientas lenguas, cuya gramática e vocabulario se diferenciaban al menos tanto como el alemán y el inglés⁹ (PRIEN, 1985, p. 31).

Então, mesmo que tenhamos sido educados na perspectiva de que a história começou com as “descobertas”, isso não é verdade, pois se pode comprovar a existência de seres humanos em todo o continente americano muito antes dos ditos “descobrimientos”. Também é necessário considerar que existiam sociedades organizadas proximamente daquilo que entendemos como classe, estruturas políticas definidas, elevada produção agrícola contando inclusive com sistemas de irrigação, processo adiantado de urbanização em várias cidades, fabricação de cerâmica, desenvolvimento de arquitetura, definição de calendários e sistemas numéricos, metalurgia, astronomia, etc... e, sobretudo, que a oralidade era a forma mais freqüente de repassar a cultura e a tradição histórica desses povos para as próximas gerações (PRIEN, 1985).

Acreditamos que os trabalhos de Prien (1985) e de Kusch (1999), possuem fôlego especial no sentido de privilegiarem suas análises a partir de uma perspectiva latino-americana, nativa, muito diferente, portanto, da maior parte das análises feitas sobre a América Latina, que partem de uma abordagem eurocêntrica que não respeita as culturas, religiões, matrizes civilizatórias latino-americanas. A ênfase de seus estudos recai sob uma ótica culturalista, bastante útil para a interpretação de fenômenos que ainda se apresentam como atuais, fenômenos que não poderiam ser analisados através da mera luta de classes. A partir da leitura de ambos, percebemos, sobretudo, que o saber científico sobre os povos latino-americanas fora comumente elaborado por teorias e conceitos pré-fabricados, de modo que cada contexto nacional, muito embora bastante distintos entre si – e mais ainda em relação à Europa – sejam interpretados a partir de perspectivas estrangeiras que não levam em consideração as condições e o contexto histórico do homem e da mulher latino-americano.

Contudo, não se trata de negarmos o projeto europeu, mesmo que reconheçamos que este tenha silenciado vozes, histórias e realidades de povos latino-americanos, considerando-os como bárbaros. Trata-se de reconhecer este modelo como uma possibilidade, entre outras possíveis. No entanto, precisamos assumir que nem tudo tenha começado na Grécia e que podemos e devemos fazer filosofia sem esquecer o nosso solo, que é a América Latina, valorizando aquilo que existe de registros culturais e em termos de ideias dos nossos povos originários, uma vez que a filosofia latino-americana não é acadêmica, e possui um rastro histórico aprendido de geração em geração.

Nesse sentido, a partir da reflexão acerca de nossa realidade passada e também atual, vemos no diálogo um caminho possível, onde podemos fazer leituras do mundo, de vivências, de realidades não abstratas, e porque não dizer, de um projeto latino-americano, que não implica na negação do outro como pressuposto epistemológico. Assim, estamos discutindo autenticidade latino-americana, que toma como referência, os nossos problemas latino-americanos, que fala de nossos lugares concretos e de nossa posição marginalizada na história e que grita por uma maior representação de indígenas, afros, mestiços, etc., o que nos remete a Quesada:

[...] hacer filosofía auténtica, es decir, hacer una filosofía que no fuera una copia mal repetida de filosofías importadas, sino que fuera expresión de un pensamiento filosóficamente vivo, que emergiera desde nuestra propia circunstancia latinoamericana utilizando todos los medios intelectuales disponibles [...] ser filósofos “verdaderos”, es decir, de ser capaces de pensar y repensar los problemas por nosotros mismos y tratar de encontrar soluciones – en caso de ser posible – no siguiendo pautas impuestas por un academicismo rutinario, sino de acuerdo con nuestros propios recursos [...]¹⁰ (QUESADA, 1974, p. 9).

A citação acima expressa uma concepção comum entre os pontos de vista de Leopoldo Zea e Francisco Miró Quesada, no que se refere ao entendimento do que seja filosofar autenticamente, a partir de um debate realizado entre os autores (QUESADA, 1974) acerca de suas diferentes posturas em relação ao que seria uma filosofia e um pensamento latino-americano. O afã de Zea e Quesada nessa discussão possibilita a compreensão de uma importante semelhança entre ambos, que é a ideia da necessidade de reflexão urgente sobre nossas próprias condições no mundo, nossa realidade de latino-americanos, um pensar e filosofar concreto sobre o que somos e sobre nossos projetos futuros.

Assim, numa perspectiva latino-americana, a questão da autenticidade do pensamento latino-americano está relacionada a um movimento inclusive periférico que critica o modo eurocêntrico de ver as coisas, abstrato e descolado da realidade, e que impõe a filosofia ocidental como sinônimo *da* filosofia (BEORLEGUI, 2004). Dessa forma, como nos ensina Kusch (1999), existem outras formas de filosofar e de fazer filosofia, pois não existe uma filosofia única, mas várias¹¹, podendo ser compreendidas a partir da realidade concreta das interações nas comunidades indígenas e mestiças, suas cosmovisões e enfrentamento de problemas cotidianos.

Considerações finais

Através de alguns autores que se dedicaram a estudar a América Latina a partir de sua realidade, este artigo buscou discutir algumas considerações sobre o pensamento latino-americano, questionando o conceito de América Latina que não é suficiente para contemplar e representar a diversidade de seu povo; enfatizando a noção de “estar” nas vivências comunitárias e no ato de compartilhar; e compreendendo a autenticidade desse pensamento, que envolve o reconhecimento de nossa posição marginal na história e a necessidade de pensarmos a partir de nós mesmos, de nossa própria realidade.

Assim, esse contexto nos remete a possibilidade de revisão da história oficial, que desconsidera a presença humana na América Latina em períodos anteriores às “descobertas”, que trata o indígena e o negro com desrespeito, que não reconhece

saberes e conhecimentos outros como válidos. Esse contexto também nos possibilita, de um lado, o questionamento da perspectiva eurocêntrica ocidental que nos ensinou que a civilização em solo latino-americano chegou com o europeu e, de outro, o reconhecimento de nossa diversidade e a valorização de nossas ideias, pensamentos e filosofias impregnadas de vida e sentido.

Referências

BEORLEGUI, Carlos. *Historia del pensamiento filosófico latino-americano: una búsqueda incesante de la identidad*. Universidad de Deusto: Bilbao, 2004.

BITTENCOURT, Paulo J. S.; BRUSTOLIN, Fabrício José. A América em Hegel: Uma abordagem do Novo Mundo nas teorias hegelianas do Estado e da História, *Filosofazer*, Passo Fundo, Ano XIII, nº 24, 2004, p. 111-126. Disponível em <<http://201.86.212.89/seer/index.php/filosofazer/article/viewArticle/171>>. Acesso em março de 2014.

KUSCH, Rodolfo. *América Profunda*. Buenos Aires: Biblos, 1999.

PRIEN, Hans-Jürgen. *La historia del cristianismo en América Latina*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 1985.

QUESADA, Francisco Miró. *Despertar y proyecto del filosofar latinoamericano*. México: Fondo de Cultura Económica, 1974.

* Versão modificada do Artigo apresentado como requisito parcial para a conclusão do Seminário Avançado "Pensamento Latino-americano", ministrado no segundo semestre letivo de 2013 pelo Prof. Dr. Jovino Pizzi, junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas (PPGE/UFPel).

¹ "[...] O conceito de 'América Latina' sofre de uma fatal unilateralidade, uma vez que, de modo algum, leva em conta os elementos culturais indígenas e africanos e imortaliza – conceitualmente pelo menos – o estado de dependência cultural no hemisfério meridional da América com relação à Europa [...]" (tradução própria).

² De acordo com Prien (1985), entre esses conceitos estavam o de "Euríndia", formulado pelo argentino Ricardo Rojas; o de "Indología", pelo ministro da educação mexicano, José Vasconcelos; e o de "Indoamérica", pelo político peruano Haya de la Torre.

³ Prien (1985) em sua análise deixa de lado a cristandade negra, mas admite que as missões espanholas e portuguesas na América Latina tinham a intenção de "civilizar" os indígenas, através da imposição do cristianismo como religião única possível. Mas, para além disso, as missões serviram, inclusive, como justificativas para a conquista do território, a dominação dos povos nativos, a importação de africanos e a exploração de sua força de trabalho. Os índios – e também negros escravizados – foram introduzidos na civilização ocidental na forma de sujeitos sem história, sem civilização, sem cultura, de modo que observamos, até os dias atuais, que a população indígena e também negra dos diferentes países latino-americanos está em processo de desaparecimento social, cultural e até mesmo físico. É importante pensarmos nessas questões para não esquecermos que a cruz e a espada são símbolos que marcaram a colonização da América Latina, cuja origem é sangrenta e violenta, por mais que nossos livros didáticos tentem suavizar.

⁴ "[...] o latino-americano é uma mistura de culturas aborígenes, restos das que existiam antes da chegada de espanhóis e portugueses, e mestiço dominante, resultado da mistura de conquistadores e conquistados [...]" (tradução própria).

⁵ "Porque é certo que as ruas fedem, que fede o mendigo e a velha índia, que fala sem que entendamos nada, como é certo, também, o nosso extrema asseio. E não há outra

diferença, nem tampouco queremos vê-la, porque a verdade é que temos medo, o medo de não saber como chamar tudo isso que nos assedia e que está fora e que nos faz sentir indefesos e presos [...] diríamos que o fedor entra como uma categoria em todos os nossos julgamentos sobre a América, de tal maneira que sempre vemos a América com uma cara suja que deve ser lavada para afirmar nossa convicção e nossa segurança” (tradução própria).

⁶ “[...] Muitos povos da região amazônica do Brasil, assim como os Kampa do Peru, os Shuar ou Jívaros do Equador e os Cuiva da Colômbia (apenas para mencionar alguns exemplos) são ameaçados em sua existência. Como em 1870, o criador de gado Pedro del Carmen Gutierréz degolou duzentos e cinquenta Cuivas os quais havia convidado para comer, ainda em dezembro de 1967 foram mortos por colonos brancos dezesseis Cuivas, depois de terem sido também convidados para comer. Os sete colonos colombianos mataram a sangue frio homens, mulheres e crianças, e desmembraram seus corpos alegando suposto roubo de gado e danos às plantações. E ainda assim eles foram absolvidos pelo juiz de primeira instância, pois afirmaram que desconheciam que ‘matar índios era um crime’” (tradução própria).

⁷ “A fagocitose se dá pelo fato mesmo de haver qualificado como hediondas as coisas da América. E isso se deve a uma espécie de verdade universal que diz que tudo o que ocorre em seu estado puro é falso e deve ser contaminado por seu oposto. É a razão pela qual a vida termina em morte, o branco no negro e o dia na noite. E isso já é sabedoria e, mais ainda, sabedoria da América” (tradução própria).

⁸ A título de curiosidade, Hegel foi um filósofo ocidental que defendeu a assertiva de que a América seria um continente desprovido de história. Em sua perspectiva, o “Novo Mundo” não teria realidade, pois por ser recém descoberto não teria história a exemplo dos países europeus. Certamente, o filósofo não levava em consideração a tradição oral enquanto fonte histórica da diversidade dos povos originários americanos, atribuindo aos mesmos a noção de um desenvolvimento histórico estático e imutável (BITTENCOURT; BRUSTOLIN, 2004).

⁹ “[...] em cerca de 370 grandes tribos e etnias e em cerca de 125 famílias linguísticas com pelo menos 600 línguas. Há linguistas que calculam que em 1492 se falavam de dois mil a dois mil e duzentos línguas, cuja gramática e vocabulário se diferenciavam ao menos tanto como o alemão e o inglês” (tradução própria).

¹⁰ “[...] fazer filosofia autêntica, significa dizer, fazer uma filosofia que não seja uma cópia mal copiada de filosofias importadas, mas a expressão de um pensamento filosoficamente vivo, que surgiu a partir de nossa própria circunstância latino-americana utilizando todos os meios intelectuais disponíveis [...] ser filósofos ‘reais’, significa dizer, serem capazes de pensar e repensar os problemas por nós mesmos e tratar de encontrar soluções – no caso de ser possível – não seguindo diretrizes impostas por um academicismo de rotina, mas de acordo com nossos próprios recursos [...]” (tradução própria).

¹¹ Ou ainda, nas palavras de Beorlegui, “[...] la filosofía hay que entenderla de modo plural, y ampliada su acepción del ámbito del *pensamiento* y de las *ideas*, y aceptada también la legitimidad y existencia del pensamiento filosófico latinoamericano, y no simplemente del pensamiento filosófico *en* Latinoamérica [...]” (BEORLEGUI, 2004, p. 49). “[...] A filosofia deve ser entendida de maneira plural, e seu significado ampliado ao âmbito do *pensamento* e das *ideias*, e aceita também a legitimidade e existência do pensamento filosófico latino-americano, e não apenas do pensamento filosófico *na* América Latina [...]” (tradução própria).